

Torção uterina em vacas leiteiras: relato de 24 casos

Ana Clara Sarzedas Ribeiro^[a], José Augusto Bastos Afonso^[b], Nivaldo de Azevedo Costa^[b], Carla Lopes de Mendonça^[b], Rodolfo José Cavalcanti Souto^[b], Nivan Antônio Alves da Silva^[b], Maria Isabel de Souza^[b], Luiz Teles Coutinho^[b], Jobson Filipe de Paula Cajueiro^[b]

^[a] Programa de Residência em Sanidade de Ruminantes, Clínica de Bovinos, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Garanhuns, PE, Brasil

^[b] Clínica de Bovinos, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Garanhuns, PE, Brasil

*Autor correspondente

e-mail: ac_sarzedas@id.uff.br

Resumo

A torção uterina é o movimento rotacional do órgão gestante sobre o seu eixo longitudinal, sendo mais frequente na vaca do que em qualquer outra espécie. A sua etiopatogenia ainda não está bem elucidada, mas estão entre os fatores de riscos: movimento fetal excessivo nos estágios iniciais do parto, excesso de peso fetal, abdômen mais profundo em algumas raças, senilidade e número de partos, causando flacidez da musculatura e ligamentos uterinos. O diagnóstico é baseado no exame obstétrico, através da palpação vaginal e/ou transretal. O prognóstico depende do grau da rotação, do tempo de evolução e das sequelas sobre o útero e o feto. Neste contexto, objetiva-se descrever aqui a ocorrência e a análise de alguns fatores relacionados à torção uterina em vacas atendidas na Clínica de Bovinos de Garanhuns - Universidade Federal Rural de Pernambuco (CBG/UFRPE), nos anos de 2015 e 2016. Os partos representaram 21,36% (210/983) da casuística de bovinos neste período, dos quais 9,05% (19) foram eutócicos e 90,95% (191) distócicos. Quanto às distocias, 49,21% (94) foram fetais, 38,22% (73) maternas e 12,57% (24) materno-fetais. Foram atendidos 24 casos de torção uterina (11 em vacas multíparas, 10 primíparas e em três casos esta informação foi omitida), o que representou 12,57% de todas as distocias e 32,88% das maternas. Foram constatadas rotações de 90° (13,04%), 180° (43,48%) e ≥ 360° (43,48%). A correção da torção uterina foi realizada através de cesariana em 17 casos (70,83%) e em três casos (12,5%) por meio de laparotomia com manipulação uterina, seguida de manobra obstétrica. Um animal apresentou torção de útero no segundo dia pós-cirúrgico de cesariana, sendo a mesma corrigida através de laparotomia. Em virtude da inviabilidade materno-fetal, indicou-se a eutanásia de três animais. Em 64,7% das cesarianas não foi possível luxar o útero, devido ao seu comprometimento vascular, portanto, realizou-se a histerotomia na cavidade abdominal.

A gestação foi simples (um feto) em todos os casos e 66,67% dos fetos estavam mortos, 28,57% vivos e 4,76% natimortos. Quanto ao desfecho, 17 animais (70,83%) receberam alta clínica e sete vieram a óbito (29,17%). Em três casos os fetos encontravam-se enfisematosos, destes duas vacas morreram e uma foi eutanasiada. Os achados anatomopatológicos foram: peritonite serofibrinosa difusa e lacerações uterinas. A torção uterina representou uma relevante causa de distocia materna na rotina hospitalar da CBG/UFRPE, neste período. O comprometimento vascular causado pela torção pode tornar o útero friável, predispondo-o à ruptura. Nas situações em que os fetos já se apresentarem enfisematosos o prognóstico é ruim, pelo alto risco de ruptura uterina, hemorragias e peritonite. Por tratar-se de uma emergência obstétrica, o diagnóstico correto da torção uterina é fundamental, devendo-se considerar a condição clínica da parturiente e do feto para determinação do tratamento e do prognóstico.